

FRONTEIRA BRASIL-BOLÍVIA: GEOSSÍMBOLOS E REGIÕES TRANSFRONTEIRIÇAS

FRONTERA BRASIL-BOLIVIA: GEOSÍMBOLOS E REGIONES TRANSFRONTERIZAS

DOI 10.55028/geop.v20i38

Matheus Valadares da Silva*
Gloria Maria Vargas López de Mesa**

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar os significados e as manifestações simbólicas de geossímbolos na fronteira entre Corumbá (Brasil) e Puerto Quijarro (Bolívia), relacionando-os aos contextos transfronteiriços. A pesquisa adota abordagem qualitativa, com análise documental, trabalhos de campo e revisão bibliográfica, focalizando no rio Paraguai e Pantanal. Os resultados indicam que os geossímbolos ultrapassam sua dimensão natural, sendo apropriados social e culturalmente pelas populações fronteiriças como referências de identidade, pertencimento e interação. Os geossímbolos constituem ferramentas analíticas fundamentais para compreender a produção de sentidos no espaço transfronteiriço e os modos como a fronteira é vivida, negociada e representada pelas populações.

Palavras-chave: Geossímbolos, Corumbá, Pantanal, Rio Paraguai, Regiões transfronteiriça.

Resumen: El objetivo de este artículo es analizar los significados y las manifestaciones simbólicas de los geosímbolos en la frontera entre Corumbá (Brasil) y Puerto Quijarro (Bolívia), relacionándolos con los contextos transfronterizos. La

Introdução

Entre os limites que o Brasil mantém com países da América do Sul, a fronteira com a Bolívia é a mais extensa, totalizando 3.423 quilômetros. Esse trecho fronteiriço abrange os estados brasileiros do Acre, Rondônia, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, enquanto do lado boliviano se estende pelos departamentos de Beni, Pando e Santa Cruz.

Nessa faixa de fronteira (Figura 1), destacam-se cinco pares de cidades gêmeas, sendo a aglomeração composta por Corumbá e Puerto Quijarro, acrescida de Ladário (Brasil) e Puerto Suárez (Bolívia), a mais expressiva, tanto demograficamente quanto sob os aspectos socioeconômicos e cultu-

* Graduado em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (UFG); Mestre em Geografia pela Universidade de Brasília (UnB). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1717-6163>. Email: matheusvaladares1@gmail.com.

** Professora associada da Universidade de Brasília (UnB); Graduada em Biologia pela Universidad de Los Andes; Doutora em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo (USP). Email: yoya@unb.br.

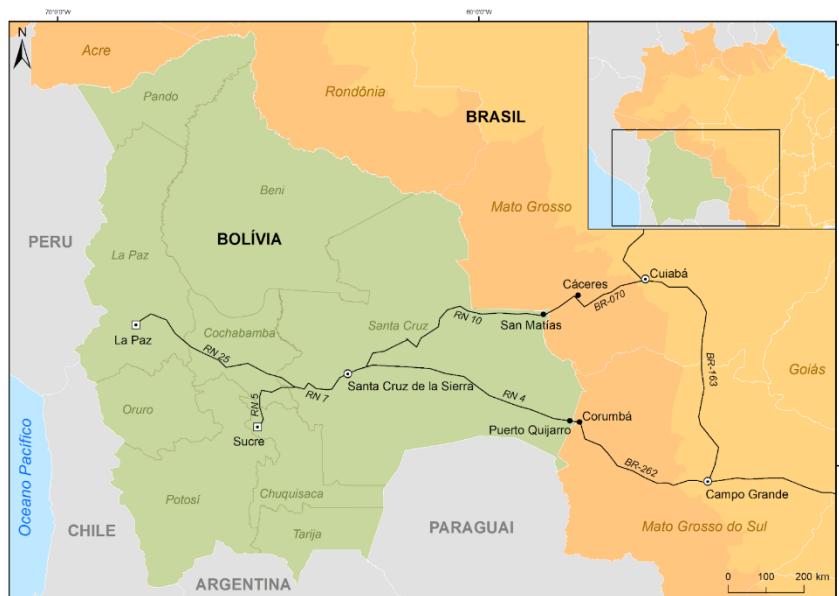
investigación adopta un enfoque cualitativo, con análisis documental, trabajo de campo y revisión bibliográfica, centrándose en el río Paraguay y el Pantanal. Los resultados indican que los geosímbolos trascienden su dimensión natural, siendo apropiados social y culturalmente por las poblaciones fronterizas como referencias de identidad, pertenencia e interacción. Los geosímbolos constituyen herramientas analíticas fundamentales para comprender la producción de significados en el espacio transfronterizo y las formas en que la frontera es vivida, negociada y representada por las poblaciones.

Palabras-clave: Geosímbolos, Corumbá, Pantanal, Río Paraguay, Regiones transfronterizas.



rais. Tais cidades formam territórios de contato direto entre distintas normativas legais, idiomas, tradições e identidades nacionais, configurando-se como áreas estratégicas para o desenvolvimento de políticas públicas voltadas à faixa de fronteira (Machado, 2005). A conectividade entre Corumbá e Puerto Quijarro se dá por meio da Rodovia Ramon Gomes (BR-262) e da Ruta Nacional 4, sendo o limite físico representado por um pequeno curso d'água, o Arroio Conceição, transposto por uma ponte de aproximadamente 26 metros de extensão.

A fronteira, para além das relações institucionais, é lugar de moradia, diferenças e pertencimento. Revela relações e intercâmbios sociais, culturais, políticos e econômicos (Raffestin, 1993). A convivência proporciona o que chamamos de socialização espacial que, de acordo com Paasi (1996), é o processo no qual os indivíduos e coletividades são socializados espacialmente em um território, e se internalizam identidades coletivas adotando-se comportamentos, hábitos, memórias, lendas, geossímbolos e outros elementos compartilhados. A socialização espacial nos ajuda a compreender os processos de regionalização na faixa de fronteira, materiais e simbólicos.

Figura 1. Fronteira Brasil-Bolívia

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

A socialização espacial ocorre por meio de relações institucionais, políticas, econômicas e culturais, que, quando consolidadas, podem dar origem a espaços transfronteiriços. Dependendo do grau e intensidade, da profundidade das interações e da sua relevância para os atores envolvidos, essas conexões podem se aprofundar e configurar processos de transfronteirização. Quando essas relações são contínuas, cotidianas e institucionalizadas entre os países em uma zona de fronteira, configura-se então uma região transfronteiriça propriamente dita (Vicente; Rückert, 2020).

A conurbação formada por Corumbá (Brasil) e Puerto Quijarro (Bolívia) pode ser caracterizada como uma região transfronteiriça, na medida em que apresenta relações sociais, econômicas e culturais contínuas e institucionalizadas entre os dois lados da fronteira. A intensidade das interações cotidianas, a integração territorial e a circulação de pessoas e mercadorias entre as cidades configuram um espaço transfronteiriço dinâmico, sustentado por espaços contíguos e redes formais e informais que ultrapassam o limite político internacional.

Os geossímbolos pertencentes ao universo simbólico da região fronteira de Corumbá e Puerto Quijarro remetem aos aspectos culturais das duas cidades. Representam um espaço-território, segundo o termo conceituado pelo geógrafo Joel Bonnemaïson (2002) e faz referência ao espaço geográfico, que na apropriação de aspectos culturais, se transforma em território. Para o autor, os símbolos são

definidos como lugares e itinerários que representam a visão de mundo de uma cultura e que demarcam os territórios materiais, e simbólicos (Souza, 2023).

Diante do exposto, este trabalho tem como objetivo analisar e interpretar os significados e as manifestações simbólicas de geossímbolos binacionais das cidades de Corumbá e Puerto Quijarro, no contexto das dinâmicas transfronteiriças.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de cunho exploratório, pautada em análise bibliográfica e documental, sob a ótica da Geografia Regional e Cultural, enriquecida com exercício de observação participante, além de trabalhos de campo realizados nos anos de 2023, 2024 e 2025.

Metodologia

Para a elaboração deste trabalho, adentramos de forma exploratória no campo das representações simbólicas que se constituem a partir de objetos geográficos materiais. A partir da observação desses objetos nas cidades gêmeas, procuramos compreender os seus sentidos nos contextos materiais da sua localização e história. Alinhamos a experiência de vida dos habitantes das duas cidades com a caracterização material do território e a historicidade da formação da região transfronteiriça de Corumbá e Puerto Quijarro para compreender as representações construídas a partir da materialidade da região transfronteiriça.

Foram realizadas pesquisas bibliográfica e documental a partir de artigos, teses, dissertações, e dados oficiais foram coletados em órgãos oficiais das duas cidades. A realização de trabalhos de campo em 2024 e 2025 na região, com o exercício de observação simples (Gil, 1999), e registro e análise fotográficos, foi fundamental na obtenção de informações e na identificação dos geossímbolos, além da compreensão dos seus significados em Corumbá e Puerto Quijarro.

Buscamos, portanto, na metodologia escolhida uma abordagem que contemplasse tanto a caracterização material da região, através da investigação histórica e da observação do ambiente geográfico, quanto a compreensão dos espaços binacionais compartilhados para a escolha dos objetos considerados como geossímbolos, suas representações e seus significados nas duas cidades.

A intenção foi compreender como a presença consensual de geossímbolos em Corumbá e Puerto Quijarro, as duas cidades gêmeas, contribuem no desenvolvimento e consolidação da região transfronteiriça. O compartilhamento de geossímbolos, que parte de uma materialidade espacial também compartilhada, nos comunica aspectos das visões de mundo, das crenças e valores que fazem parte do universo cultural desta região transfronteiriça. Para tal, se fez uma abordagem exploratória inicial para ter um universo de possíveis geossímbolos, após o qual

se realizaram indagações qualitativas mais precisas que nos levaram a identificar e escolher dois geossímbolos como marcadores de compartilhamento, com alto conteúdo simbólico, no contexto transfronteiriço. O objetivo foi aprofundar a compreensão dos geossímbolos como objetos de pesquisa e adensar seu conteúdo conceitual como recurso heurístico em contextos regionais transfronteiriços e, neste caso, culturalmente binacionais.

Geossímbolos transfronteiriços em Corumbá e Puerto Quijarro

Para a discussão deste artigo, nos apoiamos no conceito de geossímbolos elaborado por Bonnemaïson (2002), e escolhemos o rio Paraguai, e o Pantanal, como representativos de geossímbolos compartilhados nas duas cidades. Isto nos indica que esses geossímbolos criam elementos culturais comuns que contribuem na formação, desenvolvimento e consolidação da região transfronteiriça. Eles se relacionam com a formação das duas cidades, assim como a sua espacialidade regional e estão no cerne das representações geográficas que fazem parte construção das identidades e da sensação de pertencimento na região transfronteiriça.

A região transfronteiriça de Corumbá e Puerto Quijarro possui um universo simbólico amplo em representações culturais binacionais que remetem à visão de mundo dos moradores e a sua relação com a natureza.

J. Bonnemaïson (2002) considera que o território está constituído, não apenas pela sua materialidade, mas também pelas representações que se constroem a partir dessa materialidade. Dessa forma, ele também tem uma dimensão simbólica que dá sentido aos grupos sociais que ali convivem. Destarte, os geossímbolos são elementos que sintetizam a relação entre as dimensões material e simbólica na região transfronteiriça. A seguir, descrevemos os dois geossímbolos escolhidos apontando seus aspectos materiais e históricos, assim como os conteúdos simbólicos a eles dados na região transfronteiriça.

Rio Paraguai

O rio Paraguai, carrega significados importantes da história e geografia do lugar. Corumbá e Puerto Quijarro são cidades que cresceram à margem direita do rio Paraguai (Figura 2), um patrimônio ambiental expressivo na caracterização de suas identidades. A história dessas cidades e seu desenvolvimento estão diretamente conectados a esse elemento.

Figura 2. Rio Paraguai

Fonte: Trabalho de campo (2024).

A boa navegabilidade dos rios da Bacia do Alto Paraguai desempenhou papel central na entrada dos colonizadores europeus no interior do atual estado de Mato Grosso. Já no século XVI, espanhóis e portugueses utilizaram essas vias fluviais para adentrar a região em busca de riquezas minerais, sobretudo ouro, entrando em confronto com os diversos povos indígenas que habitavam essas terras (Souza, 2006; Monteiro, 2012). Os rios, portanto, funcionaram como corredores naturais de circulação, facilitando a ocupação inicial da área e marcando as primeiras disputas pelo território entre europeus e populações originárias.

As características naturais da Bacia do Alto Paraguai incluem rios de planície, de grande volume e vazão, o que possibilita a navegação em quase toda a extensão de seus cursos ao longo do ano. O rio Paraguai, em especial, tem potencial de navegação inclusive para embarcações de grande porte (IBGE, 2020). No passado, esses atributos foram determinantes para a ocupação humana e para a estruturação das redes urbanas e comerciais da região. Atualmente, continuam a exercer forte influência na organização do território e na configuração geopolítica do espaço fronteiriço (Almeida, 2017).

No século XIX, no entanto, a mesma característica que havia facilitado a ocupação do território – a navegabilidade fluvial – passou a representar uma fragilidade estratégica para o Brasil. A vulnerabilidade da fronteira oeste, exposta pelas vias fluviais, intensificou tensões geopolíticas no contexto da região platina, marcada por disputas de limites e interesses entre os países do Cone Sul. Esse cenário culminou na Guerra da Tríplice Aliança (1864–1870), quando o exército paraguaio invadiu o território de Mato Grosso pelo rio Paraguai, revelando o quanto a geografia hidrográfica influenciava a dinâmica política e militar na região (Doratioto, 2002; Lessa, 2016).

Na região transfronteiriça de Corumbá e Puerto Quijarro, o rio Paraguai se configura como muito mais que um curso d'água: ele também é um elemento simbólico estruturante da paisagem, história e da vida cotidiana. Para os habitantes dessas cidades gêmeas, o rio não apenas separa territórios nacionais, mas proporcionou a chegada de diferentes nacionalidades e etnias da América do Sul pela Bacia do Prata o que permitiu a construção de relações históricas e culturais. A paisagem fluvial do rio Paraguai é incorporada com a sua historicidade, sua materialidade e de narrativas territoriais compartilhadas, preenchidas de representações da natureza.

Essas representações se traduzem em práticas culturais locais, tais como festas, histórias e tradições orais, bem como expressões artísticas compartilhadas. Há também as marcas na paisagem urbana, como portos, cais e embarcações que, além de serem marcadores simbólicos, organizam atividades materiais no território e permitem confirmar o rio como geossímbolo da região transfronteiriça.

Pantanal

O Pantanal (Figura 3) é um importante elemento na construção de representações culturais na região transfronteiriça. O Pantanal não deve ser entendido apenas como um espaço, mas como uma paisagem material preenchido de representações simbólicas tanto de práticas sociais, como de sua história territorial. É uma paisagem de mediação entre a natureza e a cultura (Oliveira, 2021).

Figura 3. Bioma Pantanal

Fonte: Trabalho de campo (2024).

Enquanto bioma, o Pantanal é considerado um patrimônio nacional (Brasil, 1998), um patrimônio ambiental e um patrimônio cultural. É um território banhado por rios que deságuam no Rio Paraguai, um habitat úmido que lhe dá uma fisionomia particular.

Além de possuir uma fauna e flora riquíssima, este território ecológico aloja donos de terras, vaqueiros, empreiteiros, bagualeiros, garimpeiros, balseiros, pescadores etc. O homem pantaneiro, no convívio diário com o ambiente, aprendeu a fazer a leitura da natureza, a fim de captar suas mais sutis transformações. Incapaz de realizar ações que venham a prejudicar o bioma, há dois séculos mantém um relacionamento harmonioso que contribui para o fortalecimento das propostas de preservação dos seus diversos ecossistemas, ou seja, de seus diferentes conjuntos de elementos, que se inter-relacionam para garantir a manutenção do equilíbrio ecológico (Banducci, 2012).

Com aproximadamente 140.000 km² de extensão, só em território brasileiro ocupa área de dois estados da região Centro-Oeste, Mato Grosso (MT) e Mato Grosso do Sul (MS), exatamente a Sudoeste dos mesmos. Sua extensão passa pelo Paraguai e a Bolívia, em regime de fronteira viva. Nesses países, a planície pantaneira forma a região dos Chacos (Nogueira, 1990).

Historicamente marcado pelo isolamento em relação aos grandes centros urbanos brasileiros e pela proximidade com os vizinhos, o Pantanal desenvolveu uma dinâmica cultural própria, resultado do convívio intenso com populações fronteiriças e de um cotidiano moldado pelas águas e pela terra. Nessa paisagem, o “homem pantaneiro”, conhecido como aquele que vive há décadas nesse território, assume papel central na reprodução das práticas e dos saberes locais, revelando um modo de vida profundamente conectado com a natureza.

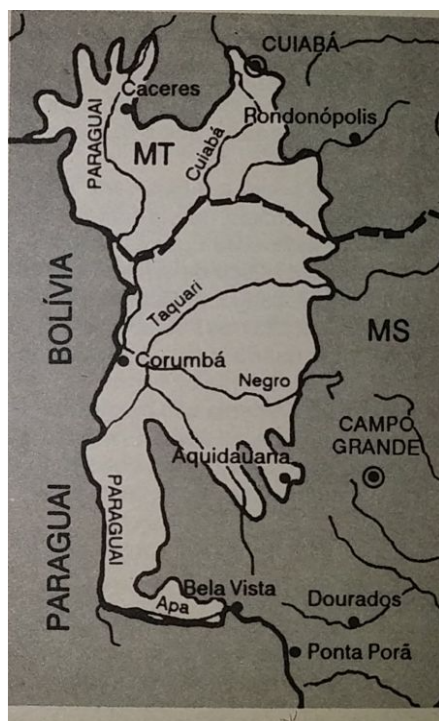
A diversidade natural do Pantanal é um dos principais traços de sua singularidade. Não se trata de um espaço homogêneo, mas sim de uma matriz ecológica heterogênea. A distinção entre o Alto e o Baixo Pantanal, o primeiro, menos afetado pelas cheias, e o segundo, marcado pelas inundações, demonstra a complexidade física do bioma. Além disso, a rede hidrográfica que estrutura a região condiciona diretamente os tipos de vegetação, a fauna, o uso da terra e a vida dos habitantes, que permite afirmar que o Pantanal, na verdade, é formado por “vários pantanais” (Nogueira, 1990).

Essa multiplicidade também se expressa nas relações sociais e culturais do território. O fluxo migratório contínuo de populações bolivianas, especialmente nas últimas décadas, promoveu a incorporação de elementos culturais guaranis ao cotidiano local. A convivência se consolidou em laços de solidariedade e numa convivência relativamente pacífica, forjando uma identidade pantaneira que vai além das fronteiras nacionais. Nesse contexto, o Pantanal revela-se como um espaço transfronteiriço, permeado por influências culturais diversas e por um intenso jogo de construção de representações e identidades.

Outro aspecto que marca fortemente o Pantanal é o contraste. Esses contrastes são visíveis tanto na natureza, tanto secas prolongadas e cheias violentas, quanto no tecido social entre o poder do grande proprietário de terras e a condição de vida de quem trabalha na terra. A coexistência entre o espírito preservacionista do pantaneiro tradicional e a exploração desmedida por agentes externos evidencia disputas pelo território e por suas representações. Essas tensões tornam o Pantanal um território de conflitos, mas também de resistência e resiliência cultural e ambiental.

Diante dessa complexidade, o Pantanal deve ser compreendido como um espaço com uma materialidade muito singular dada sua vasta natureza, mas também pelo seu desenvolvimento histórico com suas contradições. Esses elementos fazem do bioma um geossímbolo extraordinário no contexto da região transfronteiriça. Seu valor ultrapassa as fronteiras físicas e assume dimensões simbólicas, culturais, ecológicas e políticas. Representa, para a região e para o Brasil, uma síntese de múltiplas territorialidades: a do homem que resiste, a da natureza que impõe seus ciclos, a da fronteira que mistura culturas e a da disputa pelos seus recursos. O Pantanal não é apenas uma paisagem natural, mas um espaço carregado de sentidos e representações que ajudam a compreender a identidade da região fronteiriça do centro da América do Sul.

Figura 4. Mapa do Pantanal brasileiro



Fonte: Nogueira (1990).

O Pantanal também tem uma dimensão religiosa compartilhada. Trata-se da religião católica que se pratica nas duas cidades e que se reflete em festividades como o Banho de São João e na figura de Nossa Senhora do Pantanal, que conformam um elo entre o natural do bioma e o sagrado do território pantaneiro. A espiritualização do ambiente natural acaba contribuindo para a construção de uma estética da fé, em que o Pantanal é visto como espaço de contemplação e devoção.

Dessa maneira, a paisagem pantaneira é um espaço de uma natureza única onde se articulam histórias, cultura e religião e se compõe um geossímbolo que contribui na formação e desenvolvimento da região transfronteiriça.

Considerações finais

A análise dos geossímbolos do rio Paraguai e do Pantanal na região transfronteiriça de Corumbá e Puerto Quijarro evidenciou que tais elementos não apenas estruturam a paisagem física, mas desempenham papel central na construção simbólica dos territórios. Esses geossímbolos materializam representações, práticas culturais, e valores compartilhados, que funcionam como marcadores de pertencimento e identidades coletivas em um espaço atravessado por fronteiras políticas, mas unido por relações culturais cotidianas.

O rio Paraguai e o bioma pantaneiro, além de suas funções ecológicas e econômicas, tornam-se referências culturais que conectam populações binacionais, e revelam processos de regionalização impulsionados pela vivência transfronteiriça.

Dessa forma, ao interpretarmos os significados atribuídos ao rio Paraguai e ao Pantanal como geossímbolos, foi possível evidenciar como esses elementos naturais ultrapassam sua materialidade e se tornam representações simbólicas compartilhadas e fundamentais na constituição de sentidos de pertencimento em Corumbá e Puerto Quijarro. Essas manifestações simbólicas revelam os modos como populações fronteiriças ressignificam o espaço vivido e reafirmam vínculos culturais e sociais, mesmo diante de limites internacionais. Assim, a leitura geossimbólica desses elementos em contextos transfronteiriços contribui para compreender a fronteira como espaço relacional, dinâmico e profundamente marcado por construções sociais de significado.

REFERÊNCIAS

- BANDUCCI JUNIOR, A. O Pantanal e sua gente: diversidade étnica e cultural. *In*: MORETTI, E. C.; BANDUCCI JUNIOR, A. (Orgs.). **Pantanal**: territorialidades, culturas e diversidade. 1. ed. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2012. p. 9–25.
- BONNEMAISON, J. Viagem em torno do território. *In*: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Geografia cultural**: um século. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2005.
- DORATIOTO, F. **Maldita guerra**: nova história da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 617 p. ISBN 85-359-0224-4.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- MACHADO, L. O. *et al.* O desenvolvimento da faixa de fronteira: uma proposta conceitual-metodológica. *In*: OLIVEIRA, T. C. M. de (Org.). **Território sem limites**: estudo sobre as fronteiras. Campo Grande, MS: UFMS, 2005. p. 87–112.
- NOGUEIRA, A. X. **O que é Pantanal**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

OLIVEIRA, E. dos S. Religiosidade em território fronteiriço: Nossa Senhora do Pantanal e suas simbologias. **Para Onde!?**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, 2025.

PAASI, A. Inclusion, exclusion and the construction of territorial identities: boundaries in the globalizing geopolitical landscape. **Nordisk Samhällsgeografisk Tidskrift**, p. 6–23, 1996.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

ROSA, A. M. da. **“Meu santo vai descer na hora que ele quiser”**: as transformações no banho de São João de Corumbá após o processo de institucionalização da festa (1980–2019). 2023. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2023.

SCUR, M. C.; CABRAL, W. **Hidrovia Paraguai–Paraná**: retratos e reflexões. Campo Grande, MS: Wetlands International – Latin America & Caribbean, 2019.

SOUZA, C. G. S. de; LOPEZ DE MESA, G. M. V. Os geossímbolos como marcadores de territórios culturais na Festa da Caretada realizada na comunidade quilombola São Domingos localizada em Paracatu-MG. In: ENCONTRO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM GEOGRAFIA – ENANPEGE, 15., 2023, Campina Grande. **Anais...** Campina Grande: Realize Editora, 2023.

VICENTE, F. J.; RÜCKERT, A. A. A região transfronteiriça do Iguaçu e as ações da IIRSA. **Para Onde!?**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 71–89, 24 nov. 2020.